
Esfera Pública, Públicos e Contrapúblicos no contexto das Tecnologias Digitais e em Rede: Um Estudo Exploratório¹

Larissa Alboreda GANDOLLA²
Dayana K. Melo da SILVA³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A criação da prensa promoveu, segundo Gabriel Tarde, a difusão da leitura que, por sua vez, deram razão ao surgimento dos públicos modernos. Mais tarde, tal cenário propiciou o desenvolvimento da esfera pública burguesa descrita por Jürgen Habermas que, nela, idealizou a democracia. Entretanto, Nancy Fraser nota que ele se equivocou em sua análise e ignorou o papel decisivo dos contrapúblicos. O presente artigo, então, tem como objetivo investigar as noções de esfera pública e contrapúblicos e seus desdobramentos nas tecnologias digitais e em rede. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e qualitativo, seguida de uma etnografia digital que mapeou três grupos que compõem contrapúblicos. Observou-se que a *internet* altera as noções descritas pelos autores e revela-se um espaço de ação efetiva dos contrapúblicos.

PALAVRAS-CHAVE: públicos; esfera pública; opinião pública; contrapúblicos; tecnologias digitais e em rede.

A ESFERA PÚBLICA DE HABERMAS E A COMUNICAÇÃO

A obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, originalmente publicada em 1962 pelo sociólogo alemão Jürgen Habermas, continua sendo uma leitura clássica sobre a noção de esfera pública, assim como sobre a teoria crítica da democracia. Entretanto, desde que foi lançada, a obra recebeu críticas que alegavam, sobretudo, falta de embasamento historiográfico e uma idealização da esfera pública que implicava na impossibilidade de sua concretização. Então, em 1990, Habermas republicou o livro sem edições, mas contando com um prefácio que, diante das críticas e das transformações sociais que ocorreram desde o primeiro lançamento, reavalia e reconsidera algumas das ideias anteriormente apresentadas, além de contestar certas oposições à construção do seu pensamento.

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ06 – Interfaces Comunicacionais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Relações Públicas da ECA/USP, email: larissa.alboreda@usp.br.

³Orientadora do trabalho. Pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados da USP, email: dayanamelo@usp.br.

Habermas entende a esfera pública por um agrupamento de indivíduos reunidos para discutir questões de preocupação pública e interesse comum. Nesse sentido, o autor analisa e descreve a esfera pública - burguesa - partindo dos contextos históricos alemão, inglês e francês do século XVIII e início do século XIX. Nesse período, observa-se que a Alemanha contava com uma esfera pública pequena, formada por cidadãos e burgueses e que tinha seus hábitos de leitura direcionados “para o fluxo de novas publicações”. Ali, então, construiu-se o que o autor apontou como uma “rede relativamente densa de comunicação pública” (HABERMAS, 1990, p. 38). Já na França, a Revolução Francesa, junto aos movimentos que a precederam, propulsionou a “politização de uma esfera pública inicialmente de cunho literário e voltado para a crítica de arte” (HABERMAS, 1990, p. 39).

Pode-se observar que as dinâmicas e desdobramentos da esfera pública descrita por Habermas foram precedidos pelo próprio surgimento dos públicos. Sobre isso, o sociólogo francês Gabriel Tarde, na obra *A Opinião e as Massas*, originalmente publicada em 1901, nota como a criação da prensa possibilitou o aumento da produção literária e o desenvolvimento da imprensa no século XVI, de modo que a leitura foi popularizada entre certas camadas da sociedade para além do clero e a realeza. A partir de então, indivíduos, antes isolados nos seus povoados pela barreira da distância espacial, passaram a discutir os mesmos assuntos e opiniões, formando agrupamentos de coesão virtual. Esses eram os públicos modernos que, segundo Tarde (1992), compartilhavam de uma mesma vontade, fé ou objetivo. Percebe-se que, a partir dessas formações, as discussões entre diferentes grupos foram homogeneizadas e criou-se espaço para a esfera pública burguesa habermasiana, composta, então, por indivíduos interessados na discussão de um mesmo assunto, dito de interesse comum.

É notável, portanto, que a criação da prensa, o surgimento da imprensa e a popularização da leitura e da escrita influenciaram de maneira decisiva o desenvolvimento dos públicos e da esfera pública. Entretanto, foi a conversação, processo comunicativo tradicional e antecessor das tecnologias supracitadas, que consolidou a esfera pública. A princípio, ela teve um papel agregador dos indivíduos e, em seguida, foi nela que os diálogos formadores da opinião pública puderam progredir. Era, então, na conversação em que se promoviam as deliberações, nas quais as decisões e vontades eram legitimadas (HABERMAS, 1990) e as opiniões consolidadas. Levando

isso em conta, entende-se que as tecnologias de comunicação subsequentes tiveram, na verdade, um papel potencializador no desenvolvimento discursivo dos públicos modernos tardianos, que vinha já sendo realizado na conversação, contribuindo para a evolução do processo de deliberação.

Voltando-se especificamente para as deliberações dentro da esfera pública burguesa, observa-se que, segundo Habermas, para que essas fossem efetivas e justas, contavam, idealmente, com princípios de igualdade em suas estruturas internas. Isto é, as diferenças dos seus indivíduos deveriam ser deixadas de lado nos momentos de conversação e deliberação. Por outro lado, segundo a perspectiva de Tarde, mesmo que os públicos modernos fossem harmonizados em função das similitudes entre seus participantes, suas respectivas diferenças tornavam-se “reciprocamente úteis”. Além disso, por conta do caráter virtual de suas formações e conseqüente possibilidade de extensão indeterminada, os públicos tendiam à diversidade (TARDE, 1992). Nesse sentido, então, que lugar os públicos de Tarde teriam no desenvolvimento da esfera pública habermasiana, que prezava pela igualdade, ou seja, excluía a diversidade? Teriam os públicos modernos perdido sua propriedade de diversificação em função do surgimento das esferas públicas burguesas? Teriam eles assumido a configuração das multidões tardianas, nas quais as similitudes se reforçam e as diferenças próprias são neutralizadas?

Pois então, o princípio de igualdade da esfera pública burguesa, assim como os próprios processos deliberativos acabavam por excluir determinadas perspectivas e diversificações. Logo, implicavam na existência de agrupamentos ou forças contrárias às vontades e os interesses ditos gerais ou públicos, que em verdade eram excludentes. Habermas, num primeiro momento, não considera essas oposições como, de fato, atuantes dentro da esfera pública. Mas, ainda no prefácio de 1990, declara que a obra de Mikhail Bakhtin (*Rabelais und seine Welt*) o convenceu:

[...] que essa cultura popular não era de maneira alguma, isto é, uma moldura passiva da cultura dominante; era também uma revolta violenta ou moderada, retomada periodicamente, de um contraprojeto para o mundo hierárquico da dominação, com suas festividades oficiais e suas disciplinas cotidianas. Apenas com esse olhar microscópico é possível reconhecer como um mecanismo de exclusão, ao mesmo tempo que exclui e oprime, provoca contrafeitos que não podem ser anulados. (HABERMAS, 1990, p.44)

Ainda assim, ele vê em tais grupos de oposição um “plano de fundo histórico para as formas modernas de comunicação pública” (HABERMAS, 1990, p.43). Mas, essa concepção da esfera pública é refutada por outros teóricos, como Nancy Fraser, que afirmam que os públicos subalternos sempre foram ativos e tiveram papel decisivo nos processos descritos, extrapolando o sentido de “plano de fundo”. Logo, ignorar o exercício de suas expressões, além de comprometer a análise da própria esfera pública, reafirma a teoria crítica da democracia a partir de uma perspectiva hegemônica e excludente.

Todavia, Habermas, no prefácio de 1990, ressalta que sua análise pretendia mapear especificamente a esfera pública burguesa, e continua. O autor afirma que tal agrupamento, num primeiro momento, constituía uma força de cobrança por informações quanto às funções do Estado. Pretendia-se, então, que esse último fosse julgado pela opinião pública, a qual se desdobrava e se legitimava na esfera pública. Mas, a seguinte “politicização da vida social”, a ascensão de uma imprensa opinativa e a luta contra a censura e pela liberdade de opinião caracterizam a mudança de função da rede expandida da comunicação pública” (HABERMAS, 1990, p. 39-40) que passou a transmitir ao Estado o interesse geral da esfera pública. E, com o tempo, a esfera pública, que tinha espaço sobretudo nas associações liberais, passou a ser legitimada em instituições parlamentares de um governo representativo.

Esse cenário passou por mais transformações futuramente, acompanhando evoluções econômicas e sociais do capitalismo, que implicaram em novas relações entre a sociedade civil e o Estado. Depois, “o surgimento dos meios de comunicação de massa eletrônicos, [...] a nova relevância da propaganda, [...] a crescente fusão de entretenimento e informação, [e] a centralização mais acentuada de todas as áreas” deram espaço para “uma rede de comunicação mais comercializada e condensada” (HABERMAS, 1990, p.57-58), atribuindo, assim, poder manipulativo à mídia.

É interessante notar que, mesmo antes das transformações relacionadas aos meios de comunicação de massa eletrônicos, Tarde (1992) já havia descrito o poder manipulativo da imprensa sobre os públicos modernos. O sociólogo francês aponta que as opiniões dos públicos eram fortemente influenciadas pelos publicistas. Eram esses últimos que selecionavam o que seria tido como atualidade e publicado nos periódicos,

alimentando as conversações e discussões dos públicos. Além disso, tais publicistas eram, geralmente, desconhecidos, o que lhes atribuía invisibilidade diante dos públicos, de maneira a maquiar a influência que exerciam e dificultar algum combate à sua força.

Logo, pensando-se, agora, na complexificação dos meios de comunicação em massa eletrônicos e no aumento do alcance que eles garantiram à imprensa, é fácil notar como o poder manipulativo da mídia foi fundamentalmente potencializado. Ademais, os publicistas tornaram-se ainda mais invisíveis, o que os garantiu ainda mais poder. Assim, tendo-se em vista o “desenraizamento acompanhado da impotência diante de uma complexidade sistêmica não transparente” (1990, p. 87) como resultado dos desdobramentos anteriormente citados, percebe-se que a ideia de publicidade, que se desenvolveu na esfera pública burguesa, foi potencialmente corrompida e a economia e o aparato do Estado, integrados, passaram a influir definitivamente na esfera e na opinião pública. Entretanto, no prefácio, Habermas observa:

[...] a capacidade de resistência e, sobretudo, o potencial crítico de um público de massa pluralista, muito diversificado, que em seus hábitos culturais começava a superar as barreiras de classe. Com a flexibilização ambivalente entre baixa e alta cultura e com uma ‘nova intimidade entre cultura e política’ [...], também se modificaram os próprios critérios de avaliação. (HABERMAS, 1990. p.61)

Nesse trecho, o autor reconhece o potencial de criticidade e resistência de uma massa pluralista e diversificada. Entretanto, ele ainda reafirma o ideal de esfera pública que preza e prega a igualdade, de modo a excluir as diferenças e a possibilidade de diversidade nela mesma. Como, então, a esfera pública ideal habermasiana se encaixaria nesse novo cenário?

Contraditória ou não, a análise de Habermas observa que os imbricamentos das novas tecnologias de comunicação em massa eletrônicas potencializam e influenciam decisivamente os rumos da esfera pública, da opinião pública e, conseqüentemente, da democracia. Isso pode ser exemplificado por eventos como os de 1989 transmitidos pela televisão. No caso, a presença física de multidões revolucionárias só teve impacto geopolítico porque tomaram outro sentido ao serem “transformadas em uma presença ubíqua por meio da TV” (HABERMAS, 1990, p. 86).

Finalmente, entende-se que é fundamental que se considere o exercício de forças e fatores sobre a esfera pública como a economia e os próprios meios de comunicação e

seus domínios. Contudo, Rúrion Melo (2015, p.30) ressalta que “os meios de regulação continuam ancorados no componente social e cultural da sociedade” e que as decisões tidas legítimas ainda são influenciadas pelos processos comunicativos de esferas públicas informais.

OS CONTRAPÚBLICOS DE NANCY FRASER E A CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA

O artigo *Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy*, publicado em 1992, apresenta críticas à esfera pública burguesa de Habermas e, ao mesmo tempo, propõe alternativas de como pensá-la. A autora, a filósofa estadunidense Nancy Fraser, explica que não descarta completamente a obra do sociólogo alemão e, na verdade, reconhece sua importância. Mas, observa que aquela ideia primeira contém déficits historiográficos e idealizações equivocadas que refletem em quatro premissas gerais sobre as quais é construída. Desse modo, Fraser expõe aspectos que foram deixados de lado na esfera pública de Habermas, explicitando, sobretudo, a atuação dos contrapúblicos e, por fim, articulando o que seria a esfera pública ideal em questão de democracia, sob sua perspectiva.

A autora aponta, primeiramente, alguns usuais maus usos ou generalizações do conceito de esfera pública que acabam por confundi-lo com os aparatos do Estado ou com a economia oficial, por exemplo. Entretanto, ela explica que a esfera pública de Habermas é um cenário das sociedades modernas, distinto dos outros dois conceitos, no qual a participação política acontece através da interação discursiva. Esse cenário, como já pontuado na seção anterior, é composto por agrupamentos de indivíduos dispostos a discutir assuntos de interesse público ou comum entre eles, numa dinâmica aberta a todos, sob princípios de igualdade e universalidade. Mesmo Habermas considera que a esfera pública burguesa nesses moldes é utópica e nunca se realizou completamente. Fraser, por outro lado, concorda que ela não tenha se concretizado, porém confronta seu suposto aspecto utópico.

Fraser contesta o princípio de “igualdade” dentro da esfera pública, pois aponta que isso resultaria na crença de que a igualdade social não seja fundamental para a democracia. Crer que a premissa de igualdade no campo da discussão seja suficiente para uma deliberação justa é proveitoso para os grupos hegemônicos porque maquia as

desigualdades e injustiças sociais. Além disso, ao se apoiar nessa ideia, espera-se que a esfera pública seja isenta de graus culturais quando, na verdade, nas sociedades estratificadas, grupos sociais diferentes têm valores diversificados que acabam por criar pressões informais e marginalizar as questões daqueles que estão subordinados.

Mas, a esfera pública burguesa, ao pretender igualdade discursiva, apesar de excluir camadas da sociedade, não era capaz de apagá-las. A “igualdade” no âmbito discursivo era contestada e corrompida pelo desenvolvimento dos públicos compostos pelos grupos marginalizados, que abriam espaço para suas próprias perspectivas e diferenciações em confronto à repressão estrutural da hegemonia burguesa. Habermas percebe a emergência desses grupos diversificados como a decadência da esfera pública. Disso, lê-se a premissa habermasiana de que a esfera pública ideal é única e que a multiplicidade de públicos a distancia do ideal democrático.

Diante desse pensamento, Fraser observa que numa esfera pública única os grupos subordinados não têm espaços para processos comunicativos sem a supervisão dos grupos dominantes e nem possibilidade de deliberações que respeitem suas necessidades, objetivos e estratégias. Em contrapartida, ela defende que o exercício dos públicos subalternos teria um potencial emancipatório e que os próprios conflitos interpúblicos propiciariam discussões mais construtivas. Assim, o princípio de publicidade seria melhor empregado e a democracia estaria mais próxima.

Porém, uma esfera pública empírica e idealmente diversificada implica em outras questões. Por exemplo, diante de tamanha diversidade, como se definem o que são as questões públicas, de bem comum, sobre as quais a esfera pública há de discutir e deliberar, como indica a teoria habermasiana? Fraser contesta o entendimento de que o interesse “público” ou “comum” refira-se de fato àquilo que preocupe a todos, porque, obviamente, dificilmente há unanimidade quanto a preocupações ou prioridades. O que é público ou privado não tem limites naturais *a priori* e só pode ser definido através da contestação discursiva e a deliberação. Democraticamente, a maioria acaba por decidir e reprimir a minoria que discorda, assumindo-se, assim, uma identidade pública que potencialmente silencia os indivíduos que a compõem. E, além disso, nesse processo, alguns temas acabam sendo designados a cenários discursivos especializados, a fim de protegê-los da discussão em bases mais amplas e, então, silenciar algumas demandas. Nessa dinâmica, os públicos hegemônicos são potencialmente mais fortes e, portanto, os

grupos subordinados tendem a ser prejudicados. Assim sendo, Fraser considera problemática a premissa da esfera pública burguesa habermasiana que prevê seu discurso interno sempre a tratar do bem comum e a evitar questões da vida privada.

E, em busca de uma aproximação com uma democracia efetiva, a autora ainda contesta um último aspecto idealizado por Habermas: a separação nítida entre o Estado e a sociedade civil. Primeiramente, Fraser ressalta a necessidade de uma intercompenetração entre tais âmbitos para que se promova alguma igualdade social aproximada, tendo em vista que o capitalismo sozinho não o pode fazer. Só assim a disparidade de participação entre os públicos dentro de uma esfera pública poderá ser combatida. Ademais, ela nota que a emergência de uma soberania parlamentarária constitui públicos fortes que são capazes de propor decisões oficiais para além de formar a opinião pública e tornam embaçada a separação entre Estado e sociedade civil. E nesse último tipo de público a autora enxerga a possibilidade de uma construção de uma democracia direta ou quase direta.

A partir desse ponto de vista, a crítica de Fraser quanto à esfera pública burguesa habermasiana, expõe a atuação decisiva dos contrapúblicos, isto é, os públicos constituídos por grupos sociais subordinados à hegemonia masculinista burguesa e que conflituam com essa última. Habermas, apesar de reconhecer a existência deles, acreditava que os conflitos fossem ocasionais (e, como já expresso na primeira seção deste trabalho, um “plano de fundo” para a comunicação pública moderna), quando na verdade, eram uma constante e cruciais nos desdobramentos da esfera pública. Isso se comprova, inclusive, no fato de que a esfera pública republicana da França, dita universal, surgiu em oposição à cultura de salão majoritariamente mais acessível às mulheres. Portanto, o sociólogo alemão, ao optar por analisar e mapear a esfera pública burguesa de maneira isolada, comprometeu sua teoria.

Entre os contrapúblicos, Fraser cita também aqueles nacionalistas, os camponeses, os proletariados, mas especialmente, aqueles femininos, aos quais ela dá maior atenção em seu artigo. A autora expõe que as mulheres burguesas estadunidenses desenvolveram uma contrassociedade civil a partir de associações voluntárias alternativas, incluindo sociedades filantrópicas e de reforma moral. Já as mulheres economicamente menos privilegiadas atuavam em protestos da classe trabalhadora e nas

manifestações de rua. Desse modo, nota-se que elas desenvolviam outras possibilidades de acesso à esfera pública política apesar da proibição do voto feminino.

Contudo, as tentativas de exclusão das mulheres da esfera pública formada por homens que viam a si mesmos como a classe universal foram muito impactantes a ponto de institucionalizar a discriminação em função de gênero e o patriarcalismo que persiste até hoje. Ressalta-se, todavia, que a atuação do contrapúblico composto por mulheres, assim como aqueles constituídos por outras classes subordinadas ou que diziam respeito a questões que uniam indivíduos de diferentes classes e gêneros, foram fundamentais para que a contestação da esfera pública burguesa atual pudesse ser feita, assim como para a evolução da teoria crítica da democracia.

Finalmente, Fraser observa que a concepção burguesa da esfera pública feita por Habermas não é mais adequada à teoria crítica da democracia atual. Portanto, ela deve ser revista, atentando-se às quatro premissas apontadas pela autora e expostas nesta seção e, sobretudo à existência e à atuação dos contrapúblicos. Além disso, Fraser expressa que uma das principais funções da crítica da democracia atualmente existente deve ser a exposição de como a desigualdade social vicia o processo de deliberação, assim como afeta a relação entre os públicos, além de como as ideias de “público” e “privado” podem comprometer o próprio processo democrático.

CONTRAPÚBLICOS E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E EM REDE

Segundo Fraser, a esfera pública habermasiana, ao priorizar a igualdade discursiva dos seus membros, ignora as desigualdades sociais, as diferentes estratificações da sociedade e seus respectivos diferentes códigos e linguagens, além da variedade de interesses subalternos que seriam excluídos. Considerando-se tais aspectos, compromete-se também a noção de universalidade da esfera pública, tendo-se em vista a diversidade entre e dentro de cada público, o que requereria espaço para expressão própria. Nesse sentido, nota-se que Habermas analisou e idealizou uma esfera pública hegemônica branca masculinista e, também, ignorou a atividade e participação dos contrapúblicos.

Entretanto, os desdobramentos da economia e política mundiais junto ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação de massa eletrônicas geraram novas perspectivas às dinâmicas de formação e consolidação das esfera e opinião públicas. O

alcance dos públicos foi consideravelmente ampliado e até Habermas percebeu o potencial crítico da massa diversificada. E, ainda futuramente, o surgimento das tecnologias de comunicação digitais e em rede revolucionaram toda essa trama de relações:

Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável. (CASTELLS, 1999, p. 21).

Os *media*, antes, comunicavam em direção única e de formas restritas, de modo que os interlocutores tinham um papel bastante passivo. Dessa maneira, os dispositivos comunicacionais eram considerados, sobretudo, por seu papel comunicativo instrumental. Mas, a ascensão de tecnologias comunicacionais digitais e em rede promoveu novas possibilidades de interação entre os indivíduos. A *internet* abriu espaço para a comunicação multidirecional, ou seja, os indivíduos passaram a receber e consumir informações e conteúdos difundidos por terceiros, além de poderem produzir e divulgar seus próprios conteúdos e opiniões pessoais.

Nesse viés, na *internet*, revelou-se uma nova e diferente estrutura para a articulação da esfera pública. Essa tecnologia, contudo, implica em problemáticas, entre as quais muitas repetem questões já observadas em contextos anteriores e outras surgem a partir das diferentes interações nela promovidas. Isto é, em geral a *internet* também está inserida numa dinâmica elitista, masculinista e branca, na qual a manipulação midiática em favor da hegemonia foi potencializada, assim como o silenciamento de certos públicos, utilizando-se de novas ferramentas.

A princípio, de toda forma, os contrapúblicos de Fraser estão ativamente presentes e articulam-se nesse *médium*. Então, a fim de investigar a atividade de alguns deles nas tecnologias digitais e em rede, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, que mapeou e analisou três grupos de diferentes contrapúblicos em algumas das redes sociais mais populares da atualidade. A etnografia digital foi adotada como procedimento metodológico, aplicada num período de quatro meses, entre fevereiro e maio de 2023, utilizando-se de um perfil digital de pesquisador que assumiu

papel silencioso (*lurker*) (POLIVANOV, 2014). Os coletivos analisados foram: *Funkeiros Cults*, *As Mina na História* e *Choquei Parente* (Quadro 1).

Quadro 1 - Corpus da observação empírica

Coletivos	Atividades e redes sociais digitais observadas
<i>Funkeiros Cults</i>	<p>Fundado em 2020 por Daryel Teixeira, jovem morador de uma favela em Manaus (AM), divulga e cria imagens relacionando a estética e estilo “funkeiro” à literatura, à filosofia e ao conhecimento erudito em geral. Seu conteúdo normalmente é propagado nas redes sociais digitais por meio de <i>memes</i>. Também atua como espaço para compartilhamento de produções artísticas, conteúdo educativo e reflexões diversas de autoria do próprio coletivo, assim como de terceiros, os quais normalmente vivem a realidade periférica. O coletivo já fez aparições em TV aberta, promoveu eventos em favelas de Manaus e, mais recentemente, lançou modelos de camiseta com estampa original. Administra um perfil no Instagram e no Twitter, um canal no Youtube, além de uma página e dois grupos no Facebook, dos quais um é destinado ao compartilhamento de obras literárias e teóricas em PDF. Ao todo, reúne cerca de 441 mil seguidores.</p> <p>(Ver: https://instagram.com/funkeirosculcs; https://twitter.com/funkeirosculcs; https://youtube.com/@funkeirosculstv8778; https://www.facebook.com/funkeirosculcs).</p>
<i>As Mina na História</i>	<p>Ativo desde 2015, produz e compartilha postagens sobre o protagonismo de mulheres na História, destacando personalidades femininas de todo o mundo e seus feitos. Suas publicações envolvem fotos, vídeos longos e curtos de teor documental, entrevistas biográficas, etc. Também esteve presente e promoveu encontros e rodas de conversa presenciais, entre 2015 e 2018, sobre protagonismo feminino. Está presente no Instagram, no Facebook, no Twitter, no Youtube e possui um site próprio. Além disso, sua página do Facebook propõe um clube do livro, disposto num grupo na mesma rede social, o qual conduz todo mês uma leitura que resgate a memória de uma mulher. Ao todo, reúne cerca de 691 mil e 408 seguidores.</p> <p>(Ver: https://instagram.com/asminanahistoria; https://twitter.com/minasnahistoria; https://youtube.com/@AsMinanaHistoria; https://www.facebook.com/asminasnahistoria).</p>
<i>Choquei Parente</i>	<p>Composto por jovens de diferentes etnias indígenas do Brasil, atua desde 2022 nas redes sociais como central de notícias dos povos indígenas. Nas suas postagens, propõe questionamentos e discussões sobre assuntos de interesse indígena. Sua atividade contempla questões políticas, de entretenimento e “fofoca” entre a própria comunidade indígena, concentrando-se sempre no protagonismo dos povos nativos. Em 2022, promoveu o prêmio “Melhores do Ano” no seu perfil no Instagram, realizando as votações nos <i>stories</i> e divulgando o perfil dos vencedores em posts no <i>feed</i>. Mantém publicações e compartilhamentos regularmente no Instagram e Twitter juntando, no total, cerca de 12 mil e 800 seguidores.</p> <p>(Ver https://instagram.com/choqueiparente; https://twitter.com/choqueiparente).</p>

Fonte: dados da pesquisa.

Os grupos mapeados articulam-se em formato característico e adaptado a cada rede social em que estão inseridos, ao mesmo tempo que utilizam de linguagens e códigos que pertencem e fazem sentido para o seu próprio público. Na imagem abaixo (Figura 1), dos *Funkeiros Cults*, vê-se um jovem cuja vestimenta é associada ao *funk*,

gênero musical suburbano, acompanhado de um texto que mescla gírias e coloquialidade a conceitos filosóficos. Assim, propõe-se uma ressignificação da figura do funkeiro, normalmente estereotipada e discriminada pelos grupos dominantes, bem como a desmistificação e acessibilidade ao conhecimento erudito.

Figura 1 – *Funkeiros Cults*



Fonte: <https://instagram.com/funkeiroscults>

O grupo *Choquei Parente*, nesse mesmo viés, faz publicações que variam entre seriedade política, humor, sarcasmo e entretenimento. Assim, com uma abordagem bastante atrativa e adaptada às redes sociais digitais, levanta questões e propõe discussões de interesse do seu público (majoritariamente indígena, vide o nome - Parente - que é usado por indígenas em referência a indígenas). A seção de comentários das suas publicações torna-se, quase sempre, arena de debate entre seus seguidores sobre questões que os afetam diretamente como membros de povos originários.

A exemplo, o *post* de Instagram reproduzido abaixo (Figura 2) divulga um concurso de beleza que teria lugar no ATL 2023 (Acampamento Terra Livre). Nota-se que, além de divulgar o ATL, um encontro anual de povos nativos que propõe a discussão de questões relacionadas a demandas indígenas culturais, territoriais, etc., a imagem sugere padrões de beleza que subvertem à ordem hegemônica branca. Isto é, trata-se da

valorização de linguagens visuais e características físicas próprias de povos indígenas. Nos comentários, há quem apoie a iniciativa e se mostre interessado em participar e há quem a conteste, ainda combatendo configurações hegemônicas, questionando se os critérios competitivos se baseariam em noções de magreza ou mesmo afirmando que o próprio conceito de concurso de beleza fundamenta-se na branquitude.

Já o *post* de *As Mina na História* reproduzido em seguida (Figura 3) promove reconhecimento à poetisa e ativista Audre Lorde. A partir da imagem e sua legenda, divulga-se o protagonismo dela, mulher negra e lésbica. Apesar de desenvolver aspectos de representatividade, é evidente que o trabalho do grupo em questão ultrapassa noções generalistas de protagonismo feminino, ao passo que, dedica-se a compartilhar a biografia específica de cada personalidade selecionada, assim como retratos fotográficos e trechos de suas obras ou falas a elas atribuídas. Desse modo, constrói-se um combate feminista e busca-se, ao mesmo tempo, respeitar as histórias pessoais e suas peculiaridades e diferenciações.

Figura 2 - *Choquei Parente*



Fonte: <https://instagram.com/choqueiparente>

Figura 3 - *As Mina na História*



Fonte: <https://instagram.com/asminanahistoria>

É fato que nas redes sociais digitais, os contrapúblicos não têm toda a liberdade que Fraser idealiza para que eles possam desenvolver seus processos comunicativos e suas deliberações próprias. As tecnologias digitais e em rede continuam sob poder da

hegemonia e funcionam de acordo com sua lógica de domínio (ZUBOFF, 2021). A *internet* dispõe de dispositivos quase invisíveis, como os moderadores e algoritmos, que controlam e conduzem a difusão de conteúdo *online*. Tais dinâmicas funcionam em função dos interesses das empresas privadas que possuem as redes sociais digitais e, certamente, preservam a já citada lógica capitalista branca masculinista hegemônica. Portanto, a atividade dos contrapúblicos nesses meios é limitada.

Entretanto, é inevitável que, ao possibilitar uma comunicação multilateral a *internet* confira aos públicos mais amplitude, promova mais interseções entre públicos e potencialmente expanda a esfera pública, a qual um dia era bastante restrita também em função de limites espaciais. Desse modo, as expressões e exposições dos grupos minorizados também ganham maior alcance e a internet torna-se uma arena de debate composta por mais diversidade.

Além disso, o fato dos grupos analisados se apropriarem das tecnologias digitais e em rede, nesse caso, das redes sociais digitais nas quais estão inseridos, e de seus mecanismos, já é por si só um movimento de combate à hegemonia e a seus interesses excludentes. Da mesma maneira, o desenvolvimento de, por exemplo, páginas deles e para eles, onde acontecem discussões deles e para eles, como realiza o *Choquei Parente*, conflitua com a esfera pública habermasiana. Tais grupos, desse modo, que representam contrapúblicos na perspectiva de Fraser, vêm ganhando espaço e notoriedade entre um público direto e indireto, de modo que as discussões interpúblicos tornam-se possíveis e a opinião pública é potencialmente afetada.

Há, então, um evidente combate às dinâmicas que silenciam os subalternizados e minorizados diante das majorias e da hegemonia como previa Fraser em relação à esfera pública habermasiana. Mais do que isso, nota-se que os grupos mapeados enfrentam diretamente tal tendência, ao comporem frentes de resistência à hegemonia através de suas expressões observadas. Além disso, atividades como as do grupo *As Mina na História*, que reconhecem as particularidades e personalidades de cada uma das personalidades femininas divulgadas, representa um combate à tendência de silenciamento dos próprios indivíduos diante das majorias democráticas e seus interesses julgados “públicos”, sobre a qual escreve Fraser.

Observa-se, ainda, que o caráter de entretenimento que os três grupos mapeados por vezes assumem, é de extrema relevância para seu movimento como contrapúblicos.

É fato que públicos que se opõem à hegemonia não precisam fazê-lo com austeridade o tempo todo e o próprio divertimento é resistência em muitos aspectos. Mas, para além disso, em se tratando de redes sociais digitais, o entretenimento serve também de estratégia de alcance e engajamento de público. Nesse sentido, os grupos analisados utilizam-se de memes, piadas, provocações bem-humoradas e conteúdos diversos que entretêm e consolidam um público engajado.

Finalmente, nota-se que a esfera pública toma outras proporções e mutabilidades em função das novas possibilidades geradas pelas tecnologias digitais e em rede. Enquanto isso, os grupos analisados compõem contrapúblicos em constante combate à hegemonia branca masculinista e, assim como já descreveu Fraser, exercem papéis decisivos no desdobramento da esfera pública e na construção da opinião pública. Tais dinâmicas não de ser mais bem estudadas e, mais do que nunca, é preciso atualizar as teorias sobre a esfera pública e democracia.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRASER, Nancy. Repensando la esfera pública: Una contribución a la crítica de la democracia actualmente existente. **Ecuador Debate**, p. 139-174, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Unesp, 2014.

MELO, Rúrion. Repensando a esfera pública: esboço de uma teoria crítica da democracia. **Lua Nova - Revista de Cultura e Política**, n. 94, p. 11-39, 2015.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**. v. 1, n. 3, p. 61-71, 2014.

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.